



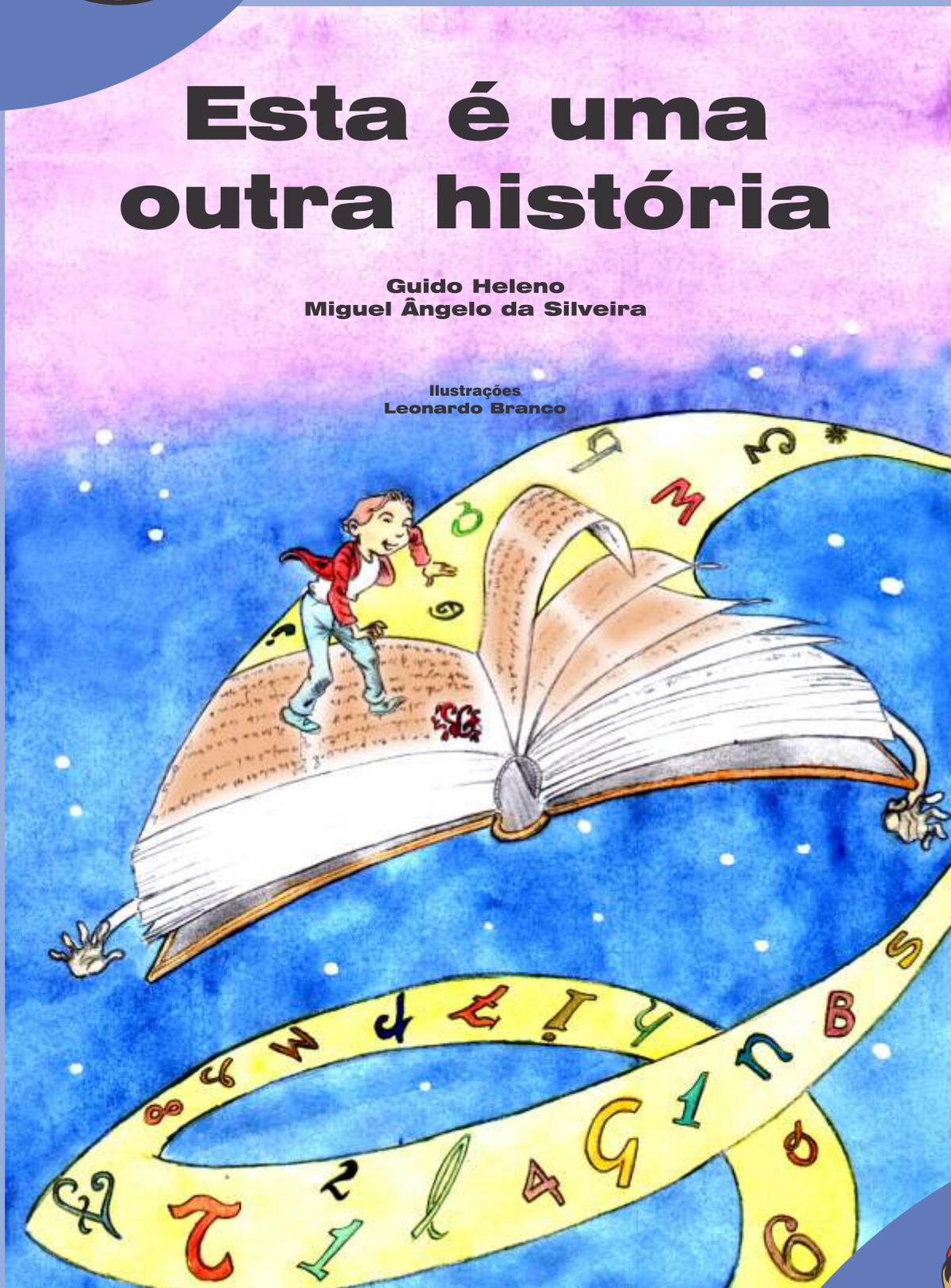
Série

Educação e Cidadania

# Esta é uma outra história

Guido Heleno  
Miguel Ângelo da Silveira

Ilustrações  
Leonardo Branco



Série Educação e Cidadania

# Esta é uma outra história



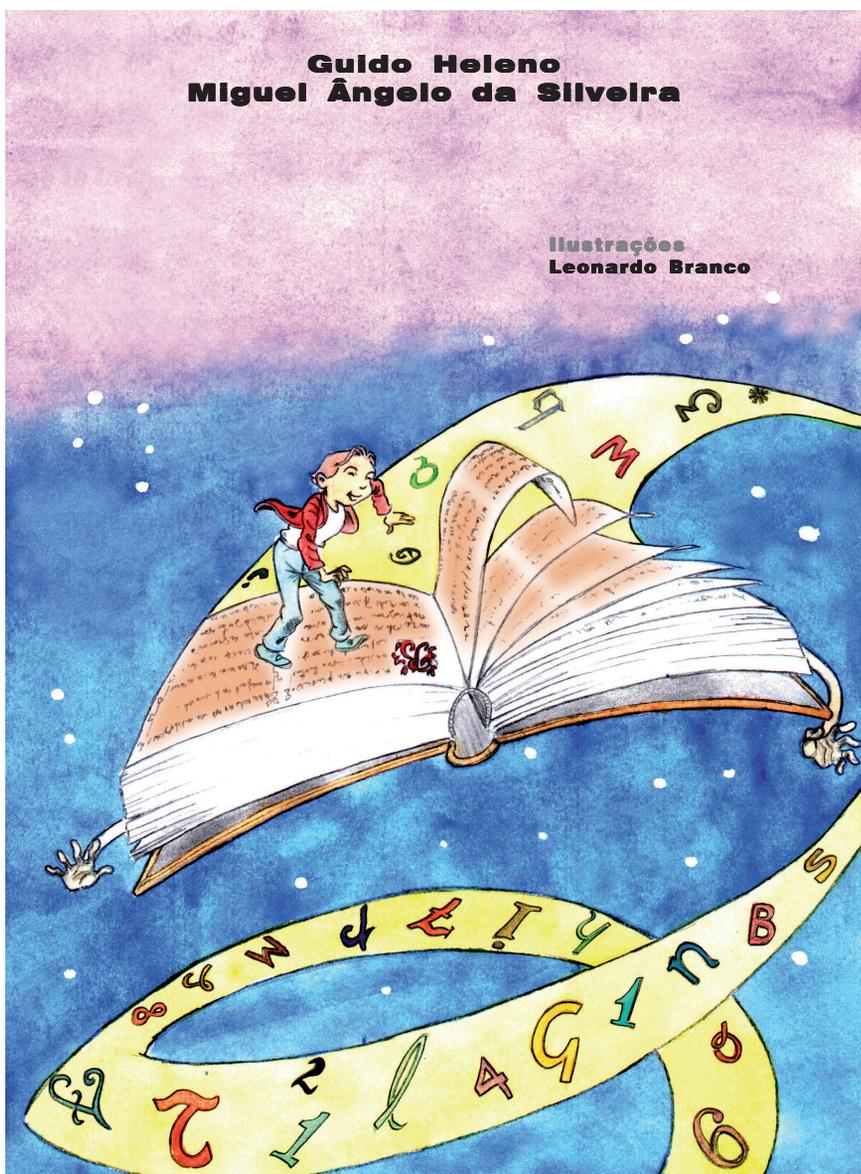


*Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento  
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária*

*Prefeitura Municipal de Patos de Minas  
Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer*

**Série Educação e Cidadania**

# **Esta é uma outra história**



**Embrapa Informação Tecnológica**  
Brasília, DF  
2004

Exemplares desta publicação podem ser solicitados na:

**Embrapa Informação Tecnológica**

Parque Estação Biológica (PqEB), Av. W3 Norte (final)  
CEP 70770-901 Brasília, DF  
Fone: (61) 3448-4236  
Fax: (61) 3448-2494  
vendas@sct.embrapa.br  
www.embrapa.br/liv

**Coordenação editorial**

Edson Junqueira Leite  
Lucilene Maria de Andrade

**Edição e consultoria pedagógica**

Elisa Guedes Duarte

**Orientação técnico-pedagógica**

Gisele Santos Damasceno  
Marluci Maria Castro  
Vicente Guedes

**Autoria dos contos *Dedos-de-prosa*  
e *Criança sabe mesmo das coisas***

Marluci Maria Castro  
Gisele Santos Damasceno

**Revisão de texto**

Corina Barra Soares

**Projeto gráfico da série e capa**

Carlos Eduardo Felice Barbeiro

**1ª edição**

1ª impressão (2004): 1.500 exemplares

2ª impressão (2008): 1.000 exemplares

3ª impressão (2010): 1.000 exemplares

Edição especial para o *Fome Zero* (2004): 1.500 exemplares

Edição especial para o Convênio Incra/Faped/Embrapa (2006): 1.000 exemplares

Edição especial para o *Fome Zero* (2007): 1.088 exemplares

Edição especial para o *Fome Zero – Quilombolas* Aditivo (2010): 380 exemplares

**Prefeitura Municipal de Patos de Minas**

Secretaria de Educação, Cultura, Esporte e Lazer  
Rua Tenente Bino, 32, sala 11  
CEP 38700-108 Patos de Minas, MG  
Fone: (34) 3822-9660  
Fax: (34) 3822-9676  
semec@patosdeminas.mg.gov.br

**Coordenação do Projeto EdufaRural**

Gisele Santos Damasceno  
*Supervisora Educacional*

Marluci Maria Castro  
*Professora*

**Concepção do Projeto EdufaRural**

Vicente Guedes

**Elaboração do Projeto EdufaRural Original**

Sérgio Celani Leite

**Todos os direitos reservados**

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,  
constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP  
Embrapa Informação Tecnológica.

---

Heleno, Guido.

Esta é uma outra história / Guido Heleno, Miguel Ângelo da Silveira ;  
ilustrações de Leonardo Branco.— Brasília, DF : Embrapa Informação  
Tecnológica, 2004.

40 p. : il. color. — (Série educação e cidadania)

ISBN 85-7383-263-0

1. Educação rural. I. Silveira, Miguel Ângelo. II. Branco, Leonardo. III. Título.  
IV. Série.

---

**CDD 370.91734 (21.ed.)**

© Embrapa 2004

# Apresentação

Esta publicação é parte de um projeto concebido e executado pela Prefeitura Municipal de Patos de Minas, MG, em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa –, que participou deste empreendimento fornecendo suporte metodológico, contribuindo com sugestões de implantação, gestão e avaliação e provendo de informações técnico-científicas.

A preocupação com o ensino praticado nas escolas do campo, especialmente na busca de novas formas de intervenção e abordagem do contexto rural, além de meios de valorização da família agricultora, deu origem ao *Projeto Educação Familiar Rural – EdufaRural* – construído no espaço rural patense, desde 2002. Tal projeto visa envolver as comunidades com um “fazer educativo” que atenda a seus interesses e necessidades. Deriva do reconhecimento, por parte da Administração Municipal de 2001–2004, da importante função dos agricultores familiares para a economia, a sociedade e a cultura do município. Também decorre da constatação de que a gente do campo é determinante para o processo de desenvolvimento sustentável. Reúne todo um trabalho de estratégias, que incorporaram adequação curricular, aulas em forma de projetos diversos, dias de campo, palestras, pesquisas escolares e demais ações educativas sobre produção agrícola, criação animal, proteção ao meio ambiente e preservação cultural. Tudo isso, é claro, convivendo com os conteúdos curriculares universais.

A Embrapa busca, pela pesquisa e desenvolvimento, novos caminhos, com o objetivo de tornar a vida no campo mais harmônica e produtiva. Coopera, assim, para a promoção da qualidade de vida daqueles que sustentam o Brasil com um trabalho árduo e incessante. À iniciativa de fomentar o desenvolvimento rural sustentável, em cooperação com a municipalidade de Patos de Minas, somaram-se novos propósitos, relacionados à educação escolar. É o reconhecimento de que o componente humano está no centro do processo de desenvolvimento, e que a educação e o trabalho digno são condições de humanização.

Este produto editorial representa, assim, um compromisso interinstitucional, cujos parceiros somam forças na construção de soluções qualificadas para os complexos desafios do desenvolvimento, tendo como enfoque a cidadania da família do campo em harmonia com o meio ambiente.

O livro possui vida própria, mesmo sendo componente do Projeto EdufaRural. Integra a série Educação e Cidadania, que tem por objetivo a valorização de saberes locais. Essa série é resultado de uma construção coletiva, da qual participaram educadores, escritores, ilustrador e pesquisadores em desenvolvimento rural e meio ambiente. Como trabalho pioneiro, não pretende ser completo nem isento de falhas. Sabe-se que, em seu trajeto, o livro será avaliado e redirecionado, como, aliás, acontece com toda obra humana. Os parceiros ficam antecipadamente gratos a quem apresentar sugestões para enriquecê-lo.

O material paradidático, de apoio aos educadores que atuam no Ensino Fundamental do meio rural, virá acompanhado por um caderno de exercícios que, longe de pretender exaurir todas as possibilidades, objetiva oferecer um guia para o trabalho docente.

A meta é o aprimoramento da formação do homem e da mulher do campo, como cidadãos de primeira classe, capazes de viver no meio rural e no urbano, de forma competente para transformar a sociedade e construir a história.

*Clayton Campanhola*  
Diretor-Presidente da Embrapa

*José Humberto Soares*  
Prefeito de Patos de Minas



# Aos alunos

## **Aluno-personagem**

*Este livro traz  
retratos da vida  
das coisas corriqueiras às mais ousadas  
que vão tecendo a história  
que vão contando histórias...  
Deixe-se envolver  
confundir-se  
com essas tantas pessoas  
que nele habitam...  
Tudo é permitido:  
vibrar com suas conquistas  
chorar – mesmo que às escondidas  
por qualquer motivo  
que aflore a emoção  
franzir a testa  
nos momentos de desafios...  
E tocar em frente:  
fazendo  
refazendo  
somando  
atando  
desatando  
partilhando...  
Viaje por esse mundo!  
Desvende  
Vivencie  
Descubra  
Recrie  
Se assim o desejar...*

Marluci Castro



“Um galo sozinho não  
tece uma manhã:  
ele precisará sempre  
de outros galos.”

*João Cabral de Melo Neto*



# Letras que contam histórias



Oi! Está me ouvindo, criança? Preste atenção! Desligue os outros botões. Deixe ligado somente esse que me liga a você.

Sim, sou eu mesmo quem está falando: o livro!

Ah! você não sabia que eu podia falar, não é verdade?!

Sim, eu falo, mas não é com todo mundo... É só com pessoas especiais, como você!

Mas ouvir, eu ouço tudo, é por isso que sei de tanta coisa! Histórias de animais, de gente, árvores, rios, sobre todo tipo de brincadeira, até mesmo de coisas que os adultos acham que não têm vida. Mas as histórias para crianças é que são as minhas preferidas!

História alegre, triste, emocionante; história de mocinho e bandido; histórias das noites e dos dias; histórias de lugares tranquilos ou mal-assombrados; histórias do mundo todo...

Hoje, a que vamos presenciar é especial, tem um pouco de fantasia e muito do mundo real!

Segure-se, você vai fazer uma bela viagem... Ah! ia me esquecendo de contar que também posso voar. E você, para voar, basta se concentrar! Vamos?!

Uooooooooooooô!!! Estamos innnnnnnndooooo...

Olhe, olhe, fique bem atento!

Vamos falar um pouquinho de bicho?!

Aquele galo ali se chama Galante. Um nome bem adequado para quem se considera tão importante, não acha?



Todos os dias ele se observa no reflexo das águas cristalinas daquele córrego ali, no fundo do quintal.

Não cansa de admirar suas lindas penas negras e azuis, mas seu maior orgulho são aquelas avermelhadas no pescoço.

Está vendo?! É a terceira vez em que dá uma polidinha nas penas!

Como não podia ser diferente, ele adora sua crista! Afinal, aquela enorme crista vermelha faz dele um galo muito respeitado em seu terreiro.

Xiiiiii! Silêncio! Não façamos barulho que ele pode se assustar. E podemos ter problemas se descobrir que estamos aqui!!! Ele é um galo complicado!

Mas não se pode negar que é bem disciplinado. Seu relógio nunca se atrasa nem se adianta. Às cinco horas, pontualmente, estufa o peito, bate as asas e, com um belo e sonoro canto, realiza a tarefa mais importante de um galo: acordar os donos da propriedade para começarem sua lida diária.

Depois de cumprida a tarefa número 1, ele vai conferir se tudo está em ordem com as galinhas, os frangos e os filhotes.

Tudo aprovado, ele sai para seu sagrado passeio matinal, quando, então, aproveita para tentar cantar de galo em outros terreiros...

Segure-se firme! Vamos voando bem devagar, para acompanhá-lo.

Enquanto isso, dê uma olhada na paisagem, para comparar o que ela tem de semelhante ou de diferente da de sua terra.

Há muita coisa para ser admirada, mas também muita sujeira e árvores cortadas ali, nas margens do Riacho Tranquilo!

Repare! Galante parece ter chegado ao seu destino! Vamos ouvir a conversa dele com o papagaio Juruba?

Ah! não precisa ficar envergonhado. Sei que é uma criança educada, que não gosta de ouvir conversa dos outros. Mas esta, ah! esta pode; afinal esses dois são personagens da história que estamos contando.

– Seja bem-vindo, senhor Galante! Ficamos muito contentes com sua visita!

– Bom dia! Juruba, preciso conversar com o manda-chuva do terreiro.



– Mas não temos manda-chuva, só líderes, senhor Galante!

– E quem são esses tais líderes, Juruba?

– Senhor Galante, temos o Beré, um gentil e inteligente galo garnisé, que administra o terreiro, juntamente com a galinha Maricota. Ela também é muito querida e respeitada por todo o galinheiro e até mesmo por outros animais.

– Có, có, có, có, có! Não acredito no que acabo de ouvir. Que dupla! Um garnisé e uma galinha qualquer!

– O que é isso, senhor Galante!? Assim o senhor nos ofende!

Ih! Lá vem bomba, parece que essa conversa não vai terminar nada bem!

– Não gosto de me rebaixar, mas avise a esse garnisé que tenho urgência em falar com ele. Vá voando!

Veja que eficiência, criança, o Juruba é um ótimo porta-voz: foi numa asa e voltou na outra!

– Ilustre senhor, o Beré pediu para lhe dizer que está muito ocupado. Por isso, sugeriu que o senhor falasse com a Maricota. Noutro momento, ele poderá recebê-lo.

– Mas o que é isso, Juruba?! Que desrespeito é esse?! Não negocio com galinhas. O lugar delas é botando ovos, chocando ou cuidando dos filhotes. E, nunca, tratando de assuntos sérios.

– Com todo o respeito, senhor Galante, acho que o senhor está meio ultrapassado! Há muito tempo que machos e fêmeas dividem as tarefas. Isso por aqui não é mais novidade.

Agora não tem jeito, vai voar pena para todos os lados! Proteja-se.

– Mas que alvoroço é esse, meus senhores?! Vocês estão atrapalhando meu trabalho.

– Olha, Beré, o culpado disto tudo é esse galo metido. Ele acha que é dono de qualquer terreiro!

– Calma, Juruba, vamos tentar resolver esse bate-bico agora mesmo!

– Olha aqui, seu garnisezinho valentão, veja como se dirige a mim. Eu sou Galante, o galo mais valente e importante lá para as bandas de Bico Quente!

– Esfrie esse bico, companheiro, vamos conversar galinavelmente!

– O que você estava fazendo de tão importante, que não pôde me atender prontamente? Não estou acostumado a esperar.

– Bom, já que fui interrompido, não me custa lhe explicar: todas as manhãs, depois de cumpridas as tarefas de cada um, eu mais uma equipe de galinhas, galos de outras raças e alguns frangotes reunimos os filhotes para lhes transmitir informações sobre nossos antepassados, costumes, nossa forma de vida em fazendas, sítios e chácaras.

– Não consigo conter meu cacarejo... Um terreiro que acha que é escola?!

– É isso mesmo, senhor Galante. Além do mais, procuramos meios de ter uma vida mais proveitosa e organizada. Por exemplo, tomar as melhores decisões e trabalhar em grupo para conseguir os melhores resultados.

– Pois, no meu terreiro, nem garnisé nem galinha “cantam de galo”.



– Mas aqui é diferente, Galante. Além dos galos e dos frangos, as galinhas são responsáveis por várias tarefas. Na hora de tomar decisões, os machos não fazem nada sem elas. Em conjunto, pensamos e planejamos estratégias para o desenvolvimento de nosso galinheiro. Venha dar uma olhada em tudo!

Criança, veja que exemplo de galinheiro: processo de separação entre os ovos galados e os não-galados; ninhos confortáveis para as galinhas-mães; teto móvel de proteção contra os dias muito quentes; escala de rotatividade entre as galinhas, para que as chocadeiras possam esticar as pernas; grupo de recepção aos pintinhos recém-nascidos, e noções de primeiros cuidados; escala de revezamento de alarme contra gambás, tiús e outros apreciadores de ovos; e que limpeza! Está tudo muito organizado! Eles pensam em tudo, não acha?! Despistadamente dê uma olhadinha em Galante – ele está de bico caído!

– Purutaco! O que está achando de nossa organização, senhor Galante?

– E ainda tem mais: estes três compartimentos servem para separar os ovos trincados, quebrados e sujos. Você sabe, a pressa é inimiga da perfeição. O piso é inclinado para deslocar os ovos, logo que botados. Aquela equipe ali é carinhosamente chamada de “pão-duro”, pois é ela que controla o consumo diário de ração, escolhe os alimentos mais nutritivos e rejeita os que causam obesidade e outras doenças. Enfim, aqui, nós todos, crianças, jovens e adultos trabalhamos para o bem coletivo. É assim que garantimos qualidade de vida.

– É... é... é um exemplo de organização, coooooóó, có!

– Muito bem, Galante, o que é mesmo que você queria?

– Eu queria... eu queria... cocoricó... cocoricó... coó...

Pois bem, o galo que chegou de crista erguida, agora está de asa caída! Nem tem coragem de dizer o que veio fazer. Para quem queria tirar satisfação, acabou aprendendo uma bela lição!

Venha, venha, vamos! Não podemos mais ficar por aqui! Vamos conhecer outras histórias!

Quanto ao Galante, ele ainda vai se demorar por aqui... Tem muita coisa em que pensar!



# Conversa de criança

Criança sabe das coisas. Meninos e meninas, com seus ouvidos e olhos atentos, sentem o mundo, desvendam mistérios.

Noutro dia, estava eu observando meus netos, Daniela e Carlinhos, brincando sob uma amoreira, que se erguia frondosa no quintal do nosso sítio: o Sítio Esteio.

Gravetos e manguinhas verdes iam-se transformando em cercadinhos, em bois, vacas, bezerros e cavalos que pastavam mansamente. E acredite, até Bravo, o cão pastor, estava lá: esguio, de orelhas e rabo em pé. Galinhos, dispostos cuidadosamente, viravam um belo mandiocal.

A casa ficava ao lado. Toquinhos e cascas de árvores eram rústicos móveis, cobertos por lindas toalhas – folhas que Dani habilidosamente bordava com espinhos.



– Esta é nossa pequena propriedade, Dani.

– Não é assim que se fala, Carlinhos! Aprenda comigo: esta é nossa propriedade familiar.

– O quê?! Onde você aprendeu isso?

– Ora, na escola!

Meu Deus! O que a escola anda ensinando? No meu tempo, decoravam-se tabuadas, poesias, nomes de rios e de heróis brasileiros. Agora esta novidade: uma criança de oito anos sabendo o que é uma propriedade familiar.

– Aqui, Carlinhos, trabalhamos a família. Só que estou pensando numa coisa: para que nossos negócios dêem certo, é preciso criar uma associação, como fez nosso avô.

– Ótima idéia! Eu posso ser o presidente?! Vamos começar a reunião. Dona Daniela, a senhora trouxe o livro de escrever?

– O livro de atas, Carlinhos!

Os meninos brincam sempre aos domingos, quando minha filha, Adelaide, meu genro, Benjamim, e minha neta, Daniela – a Dani –, vêm religiosamente almoçar com este velho viúvo. Ah! moro com meu outro filho e sua família.

As duas casas são bem próximas e se localizam na Comunidade de Manipueira, a oeste de Lagoa dos Patos.

Todos vivemos da fabricação de polvilho e farinha de mandioca, produzidos em conjunto com dez proprietários familiares, todos membros da Associação de Produtores de Mandioca da região.

Mas essa é outra história.

– Dani, quando eu crescer, quero ser jogador de futebol e ganhar muito dinheiro para conhecer o mundo inteiro.

– Ih! Um perna-de-pau como você?! Se quer ser rico, pode pensar em outra coisa.

Por que quase todos os meninos querem ser jogador de futebol? Que magia tem a bola?! Que sonho rola nos gramados?!

– Pois eu vou ser dona de uma bela fábrica de pão de queijo. Adoro pães de queijo!

Não pude deixar de rir. Aos oito anos, a gente pode tudo: voar como o Super-Homem, transportar-se como os Power Rangers, exhibir-se em manobras radicais, como nos videogames. Aos 70, não se pode sequer subir em árvore para colher manga ou jabuticaba nas grimpas, nem construir currais sentado sobre as pernas, ou mesmo correr atrás da bola que teima em rolar pelos campinhos e gramados.

Mas não é que Dani sabia mesmo do que falava?!

– Carlinhos, a professora Noêmia contou um monte de coisas que vêm sendo feitas no meio rural. Não é só plantar e criar. No campo, pode ter até hotel, hortas e pomares para os turistas colherem os produtos enquanto passeiam, pesque-pague, muitos tipos de fábricas; e não é só de farinha! Ela falou que isso é a 'plu-ri-a-ti-vi-da-de' no campo.

Disso, nos meus oito anos, eu não sabia...



Mas a verdade é que o desenvolvimento de novas atividades no campo vem proporcionando a valorização das propriedades, o aumento da renda e da ocupação da mão-de-obra familiar, a diminuição do êxodo em direção às cidades e, é claro, está abrindo novas perspectivas de trabalho para os jovens.

Daniela e Carlinhos falaram, falaram, teceram planos, ergueram fábricas, costuraram, bordaram, modelaram vasos e flores, viraram guias turísticos.

E eu ali, ouvindo e vendo novos caminhos: agricultores familiares vencendo desafios, conquistando suas terras, abrigando seus filhos e suas filhas.

– Carlinhos, a chuva tá vindo...

E vi meus netos correndo para a varanda, sob os pingos que, grossos e pesados, abafavam o mugir do pequeno gado e o trote dos cavalinhos que tentavam esquivar-se de Bravo: brinquedos que ganham vida na imaginação de crianças! Crianças que dão vida aos sonhos de um velho...



# Esta é uma outra história

Contam que, lá para as bandas de Manipueira, havia um homem sábio, de nome Heitor.

Tendo ficado viúvo muito cedo, passou a se dedicar, ainda mais, aos filhos, Adelaide e Vitória.

A família morava em uma pequena fazenda, que tinha como principal atividade econômica a produção de mandioca, comercializada principalmente na Ceasa de Lagoa dos Patos. Assim, garantiam precariamente o sustento da família.

Seu Heitor, preocupado com o futuro dos filhos, na época muito jovens, e com a modernização da agricultura, que expulsava os agricultores familiares do campo, deu para matutar.

Matutava dia e noite. Sozinho.

Um dia, resolveu desabafar com os vizinhos:

– Seu Olavo, precisamos melhorar de vida! Seu Jeremias, vender mandioca não está dando para sustentar a família! Dona Augusta, do jeito que está, nossos filhos nem vão poder se casar! Já pensou o que será de nós sem netos para nos alegrar e tocar a propriedade?! Dona Geralda, o que vamos fazer?

Não é que, em pouco tempo, muita gente também matutava?!

E caraminolavam de dia e de noite...

À procura de uma solução, decidiram fazer uma reunião.

Fala daqui, fala dali, idéias foram surgindo...

Seu Heitor, sábio como era, percebeu que precisavam de ajuda. Precisavam de pessoas que tivessem outras sabedorias.

Por isso, logo que pôde, fez contato com vários técnicos e pediu que lhes dessem uns aconselhamentos. E assim aconteceu.



Na reunião seguinte, estavam presentes técnicos da extensão rural, do Banco do Brasil e da Prefeitura de Lagoa dos Patos.

– É preciso ter um projeto. Conhecer bem a região.

– A região, a gente conhece, mas falta o projeto. E também falta dinheiro.

Como nada no mundo pode ser feito sem planejamento e sem dinheiro, o jeito foi matutar mais um pouco.

Mas agora estava mais fácil: muita gente matutando junto e, além delas, gente sabedora de muitas novidades – um tal de crédito rural, associação, mobilização, capacitação, unidades produtivas, coisas assim...

E foram ditas tantas palavras novas quanto novas eram as idéias daquela gente!

Não se sabe exatamente como as coisas aconteceram. Só se sabe que, em pouco tempo, estava criada a Associação dos Produtores de Mandioca de Manipueira. Com estatuto, registro e tudo mais que é necessário.

E não parou por aí.

Essa empreitada deu muito “pano pra manga”: erros, acertos, estudos, replanejamentos, ajustes daqui e dali e muuuuuuuito trabalho!

Dizem que atualmente a Associação mantém uma fábrica de produção artesanal de polvilho e farinha de mandioca. Vendem, embaladinhos, seus produtos para várias cidades.

Contam que ainda hoje seu Heitor vive feliz com os filhos e netos.

Ele dividiu a fazenda em dois sítios: no Sítio Amparo, vive Adelaide com a família, e no Sítio Esteio, ele, o filho Vitório e família.

Esse caso é contado de boca em boca. Tornou-se um exemplo de organização, de transformação de agricultores, antes abandonados, carentes de recursos e de assistência, em empreendedores reconhecidos social e economicamente.

Vou um pouco mais longe: seu Heitor, quando se preocupava com o futuro dos filhos, tinha razão. Os jovens, principalmente as moças, estão abandonando o campo e se mudando para a cidade em busca de emprego.

Imaginem o que é passar a vida num lugar só de homens e velhos! Ah! A alegria das crianças, o otimismo dos jovens e o dinamismo das mulheres fazem uma falta danada!

Não é que seu Heitor matou dois coelhos com uma só cajadada?! Pôs tanta minhoca na cabeça dos vizinhos que acabou por gerar uma vontade enorme de mudança naquela gente.

E muita coisa mudou. Mas já contei isso.

O danadinho conseguiu manter sua família unida e dar terra para os filhos. E o que é ainda melhor: em condições de gerar renda suficiente para que todos tenham, garantida, a qualidade de vida.

Essa história não vai parar por aqui porque, certamente, o sábio homem também está plantando minhoquinhas na cabeça dos netos.

Eu contei esta história. Quem puder que conte outra.

Tomara que contem muitas.

# Baita azar, Baltazar?!

A família do nosso amiguinho Baltazar – João, seu pai, Ângela, sua mãe, e Cosme, seu irmão – mora na comunidade de Milho-Rei.

Por vários dias prepararam a terra para o plantio. Depois das chuvas, tinha chegado a época da sementeira.

Fariam, naquela safra, uma experiência com um novo tipo de sementes de milho.

A tarefa de Baltazar, naquele dia, era levar, em seu inseparável carrinho de mão, até o terreno em que trabalhavam o pai e o irmão, um saco de 20 quilos das preciosas sementes e uma moringa com água fresca. Esperava o sol baixar um pouco, pois o calor estava sufocante.



Sua curiosidade em relação às sementes era tanta que não conseguiu agüentar até o momento de chegar à roça. Abriu o saco, catou um punhado de grãos e ficou admirando aquele milho avermelhado escorrer por entre os dedos.

Estacionou seu “veículo”, devidamente carregado, perto da porta da sala, onde, calmamente, pastava Jericó, o cavalo que era pau-para-toda-obra naquela fazenda.

Quando estava prestes a fechar o saco, que a sua curiosidade abrisse, sua atenção voltou-se para um bando de periquitos alegres e barulhentos que voavam em direção ao pomar, no fundo do quintal, em busca das deliciosas frutas maduras: mamão, amora, abacate e acerola.

Na esperança de salvá-las do ataque faminto daquelas aves, Baltazar foi voando para lá, quase tão depressa quanto elas.

– Xô, periquitos! Deixem nosso pomar em paz.

Conseguiu espantar algumas delas, mas a maioria nem se importou com o menino. E fizeram um verdadeiro banquete.

Envolvido com o movimento dos periquitos, o menino demorou-se ali com seus pensamentos: “como seria bom ter um deles... Poderia ficar empoleirado em meu ombro, mansinho, mansinho!”

De repente, dando-se conta do tempo que havia perdido, correu até a bica para encher a moringa com água fresquinha. Certamente o pai e o irmão estariam suados e sedentos sob o sol escaldante, que aparecia com força total depois de uma boa chuva.

Baltazar oferecia-se para ajudar na lida, pois sabia como era duro o trabalho de cada dia. Enquanto voltava, ainda pensativo, para pegar o carrinho, foi despertado pela algazarra de animais em frente à porta da sala.

Ao se aproximar, percebeu muito bem o que estava acontecendo. E quase perdeu o fôlego:

– Meu Deus, não acabei de fechar o saco de milho!

Galinhas, os leitões Rabicó e Rabicho, que ficavam soltos no quintal, patos, o próprio Jericó, todos, numa bagunça só, brigavam pelos coloridos grãos, derrubando alguns e devorando outros.

– Que baita azar! E agora?!



Com raiva, chutou uma pedra, mas nem sentiu dor. Começou a chorar, desconsolado, imaginando o pai e o irmão à espera da encomenda.

Sentia vontade de torcer o pescoço daquelas galinhas esfomeadas. Quis pegar uma vara e bater naqueles leitões que pareciam debochar dele, com suas “caras-de-tomada” e um risinho de canto a canto da boca, satisfeitos com a comida extra.

Mas isso de nada adiantaria, a culpa era sua, não tinha nada que ter aberto o saco antes de levá-lo. Poderia ter esperado mais um pouco para ver o que aquelas sementes tinham de tão especial, como dizia o Alfredo, da extensão rural.

– Até você, Jericó, depois de tanto trabalho, como pôde ajudar a destruir as sementes?! Não posso perdoá-lo por essa traição!

No fundo sabia, porém, que os animais não podiam ser responsabilizados pelo desastre. O descuido tinha sido dele. E essa culpa estava martelando em sua pobre cabeça de menino de oito anos.

A sua curiosidade... sempre a sua curiosidade...

Certamente levaria a maior bronca do pai e do irmão, mas isso não era o que o deixava mais triste e sim o fato de que detestava não cumprir com suas obrigações. Sempre recebia elogios de todos por sua responsabilidade.

– Periquitos... que raiva desses periquitos!

Sua família era reconhecida na região pelas atividades inovadoras que desenvolvia na propriedade: uso de tecnologias adequadas, produção de sementes de feijão e plantio de sementes melhoradas de milho, resultando em melhor eficiência produtiva, sem elevação de custos, enfim, gerando maior renda.

E agora, por um descuido idiota, botara tudo a perder. Além do mais, seu pai ficaria decepcionado com sua atitude...

– E agora, e agora?! O que vou fazer?! – gritava o menino, desesperado – se ao menos mamãe estivesse aqui para me ajudar; logo hoje ela teve que ir à cidade... Que azar!

Estava tão envolvido com seu problema que não percebeu que Alfredo chegara.

– O que está havendo, Baltazar, que desespero é esse? Onde estão seu pai e seu irmão?

Ao ver o técnico da extensão rural, sentiu apertar ainda mais seu coração, e respondeu, meio engasgado:

– Estão lá no terreno onde vamos plantar o milho ou, melhor dizendo, onde íamos plantar.

– Por que diz isso? Seu pai desistiu de fazer a experiência? O que há com você?

– Não é isso, é que... é que...

Baltazar não conseguiu mais segurar o choro.

Alfredo, tentando, ao mesmo tempo, tranquilizá-lo e entender o que estava havendo, disse:

– Calma, calma, não fique assim, você tem que me explicar tudo para que eu possa ajudá-lo.

Entre choro e soluços, Baltazar contou-lhe o episódio das sementes, mostrando o que restara da embalagem.

– Mas, Baltazar, essa não é a embalagem da nova semente com a qual vamos fazer a experiência. Há um engano. Vamos ao depósito. Seu pai deve ter guardado em outro lugar para não se misturar com as demais.

Ao ouvir essas mágicas palavras, o menino sentiu um alívio muito grande, pois não ia atrasar o trabalho nem ser o responsável por estragar a experiência.

Chegando ao depósito, Alfredo logo encontrou as sementes procuradas:

– Veja, Baltazar, aqui estão!

– Ufa! Pelo menos essas estão a salvo! Mas quando eu contar ao papai o que aconteceu, ele vai ficar triste comigo.

– Bom, essa já é outra história, não é? Venha comigo, vamos levar o milho. Seu pai já deve estar esperando; até lá, você pensa na melhor forma de contar o que houve.

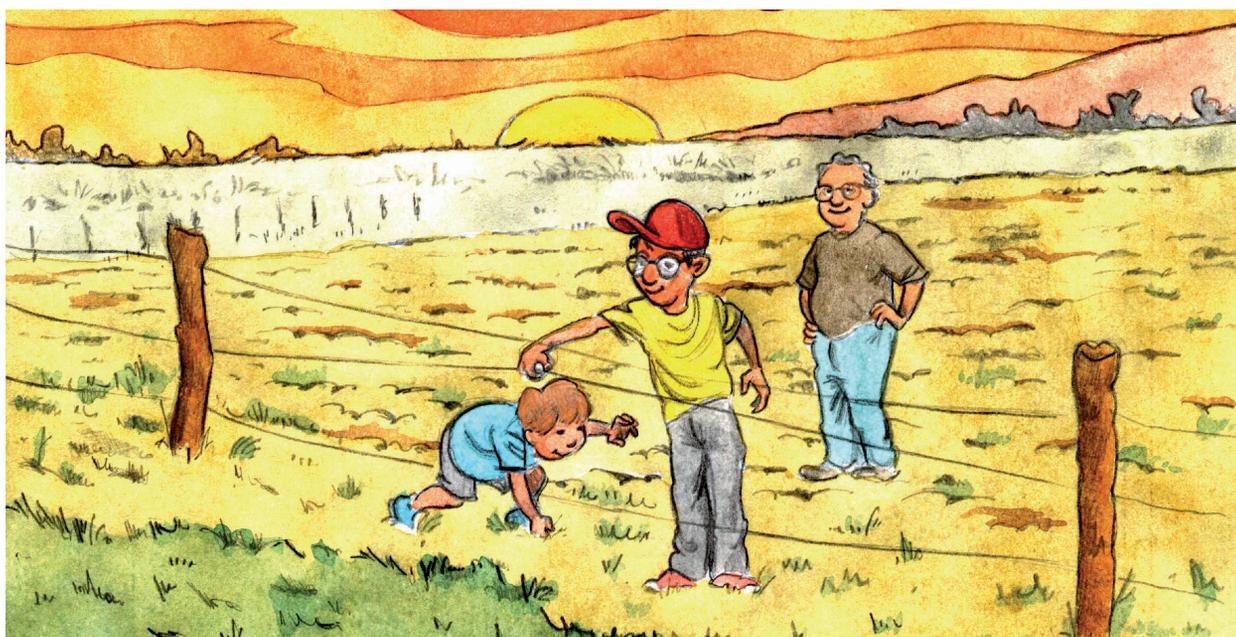
– Então, vamos. Vou até dar um descanso para o meu veículo. Depois disso tudo, estou até sem forças para dirigi-lo. Muito obrigado, Alfredo, por ter me ajudado.

– Não foi nada, menino, eu só o ajudei a encontrar o milho certo.

Enquanto sacolejavam no carro da extensão rural até a roça, o menino, já mais tranquilo, porém sabendo que não podia reparar o prejuízo financeiro, pensava em como recompensar a família pelo descuido com as sementes.

A tranqüilidade do pôr-do-sol pousou sobre os quatro, naquele largo horizonte...

O restante dos acontecimentos e a conversa entre pai e filho, você, com certeza, pode imaginar...



# Dedos-de-prosa

Houve um tempo em que os avós – pessoas adultas que vão virando crianças – acumulavam, além de suas obrigações e responsabilidades, a função de contar histórias. E com que prazer contavam os famosos causos!

Atualmente, isso é raro, porque a televisão, o videogame e o computador, que “falam até pelos cotovelos” que não têm, tornaram-se fortes concorrentes dos contadores de história. Por isso, as crianças e até mesmo os adultos não ouvem mais histórias contadas por gente.

Dona Feliciano, porém, resistiu a essa modernidade, investindo na tradição de avó-contadora-de-história. Mulher sábia, entendia que até as histórias precisam se atualizar com as novas sabedorias dos novos tempos. Assim, suas histórias mesclavam fantasia com realidade, combinando lobisomens e senhores do mal, bilboquês e bay blades, cinderelas e executivas, bruxas-de-vassoura e vilãs que andavam a pé. Afinal, dizia ela, a maldade anda, nada e voa...

Dona Feliciano tinha nascido e se criado em Eldorado, um pequeno povoado do município de Lagoa dos Patos. Mulher sensível, aprendera, com as flores e os pássaros, que o sussurro do vento é uma orquestra que ensina os segredos do bem-viver. Ouvidos tão atentos produziam falas sábias, atentas para os assuntos da sua terra.

Pois bem, aconteceu que a Escola Municipal Tecendo Vivências promoveu, no final do primeiro semestre daquele ano, para homenagear os vovozinhos pelo seu 26 de julho, o Concurso “Dedos-de-prosa”.

Vovôs e vovós da redondeza foram convidados e dona Feliciano, prosadeira-de-primeira, ficou toda animada!

Desde então, os dias foram curtos para tanta matutação. É que ela não se contentava com uma história qualquer; queria passar idéias originais, contar histórias diferentes. “Imagine se eu pensar n’alguma história e, por essas coincidências de novela, outra pessoa tiver a mesma idéia? Ah! isso seria muito sem graça.”

Quando adormecia, bichos, pessoas, seres indefinidos precisavam até fazer fila para entrar em seus sonhos...



Seu “velho” até dizia que já estava vendo fumacinhas saindo de sua cabeça... E que, de tanto pensar e sonhar, ela ia acabar com calo na cuca.

– Antes calo na cuca que história mal contada! Isso é um perigo, meu velho.

“Que história contar, se há tantas esperando sua vez?”

Finalmente, a lampadinha brilhou:

“Eureca! Vou contar histórias do campo. História vivida, história conhecida e tão raramente contada!”

Memórias recentes e longínquas invadiam sua mente e seu coração. E, creia, não era ganhar o prêmio que lhe servia de motivação, mas semear novas idéias, ânimo e vontade de lutar entre seus ouvintes!

Na escola, a preparação para o concurso deu uma trabalhadeira só: uns ajudando na construção do palco, outros, no preparo dos comes-e-bebes, e ainda outros, na decoração. Todo mundo colaborava um pouquinho: assim se faz um mutirão!

Chegou o grande dia. Estava tudo preparado, muito bem organizado. Gente de todas as redondezas ocupavam as cadeiras espalhadas no pátio da escola, tentando botar as notícias em dia...

Os organizadores estavam entusiasmados!

Os convidados para compor o júri estavam presentes: representantes do Patrimônio Histórico, das Secretarias de Educação e de Agricultura de Lagoa dos Patos, professores da Tecendo Vivências, de outras escolas das comunidades vizinhas, e ainda os da faculdade, pais, alunos, escritores da região, membros das instituições locais e até jornalistas de rádio e de televisão.

Como era de se prever, todos os contadores e contadoras estavam nervosos. Dona Feliciano também estava apreensiva, pois “falar para gente muito letrada causava uma certa ansiedade, um medo de não ser bem entendida”.

Começou o show. Para animar e descontrair os contadores de histórias e os expectadores, subiu ao palco uma dupla sertaneja – filhos de Cerradinho, os rapazes já haviam sido premiados em concursos na região –, que arrancou muitos aplausos da platéia ao cantar belas modas de viola.

Entre um tom e outro, uma história era contada. Umas faziam rir, outras, arrepiar, umas eram só para ouvir, outras para meditar.

Finalmente, dona Feliciano entrou em cena.

Bem-humorada, começou sua história pedindo aos ouvintes que não dessem muita atenção às suas palavras. “Elas se vão com o vento”. Ouçam, sim, as palavras do Honório, o protagonista de nossa história.

“Era, e ainda é, uma vez o Honório.

Órfão de pai e mãe, tocava com o irmão uma pequena propriedade lá pras bandas de Porteira Grande. Nascido e criado na terra, continuava a labuta herdada dos pais.

E como não se contentava com a mesmice, incrementava os negócios da reduzida família. Era realmente ousado. Mesmo gostando daquela lida, Honório tinha uma queixa: faltava alguém para preencher seu coração solitário.

Não sonhava com nenhuma princesa de sapatinho de cristal, que chegasse de carruagem.... Nem queria uma Rapunzel de tranças perfumadas. Nem mesmo uma Branca de Neve acompanhada dos sete anões.

Fazia questão, aliás, que o seu amor tivesse a pele dourada das moças do campo, o olhar tranqüilo de quem assiste ao nascer e ao pôr-do-sol e admira as flores silvestres, orvalhadas pela brisa das manhãs frias...



De procurar o seu par, Honório não se cansava:

‘Quem quer casar com o Honório?’

Trago no nome a honra, a glória, a estima...

Uma terra produtiva e habilidade no cuidar...

Uma cabeça pensante, sonhos errantes e personalidade marcante...

Mãos calejadas querendo afagar...

Quem quer um Honório que não tem dinheiro na caixinha, mas muito amor para dar?

Jogava “pelada” com os amigos no campinho da igreja. Mostrar-se é uma estratégia de quem quer ser encontrado.

Freqüentava novenas e implorava ao santo casamenteiro a graça de encontrar seu bem.

Mas era nos bailes locais, tão raros hoje em dia, que lhe acendia mais a esperança: ‘É hoje que encontro uma boa moça e logo, logo vou comprar as alianças.’ Ao findar do baile, porém, chegava em casa contrariado. ‘Onde estão as moças pra casar? Aqui na roça é que não estão mais. E as que vivem aqui já têm par’. Espiava-se no espelho. Podia não ser um príncipe encantado, mas tinha uma beleza de não se desperdiçar!

Passados esses momentos, Honório retomava sua fé: era ali no campo que queria viver. Ali ia construir família com a futura companheira. Ali mesmo, em sua propriedade familiar.

Se é verdade que quem procura sempre alcança, Honório, que nunca perdeu a esperança, encontrou, um dia, Maria da Luz. Era a moça da terra com quem sempre sonhara. Fora obrigada a se mudar para a cidade, à procura de sustento que o campo não mais lhe oferecia. Mas mantivera firme a intenção de, um dia, retornar ao campo. Projeto que agora se realizava, casando-se com Honório.

Uma história está contada. E que cada um use a varinha mágica da imaginação para aproximar os muitos Honórios das Marias da Luz.

Se a história não é inventada, a solução pode ser criada!

Desta vez, o ganhador do prêmio da melhor história não fez parte desta prosa. Mas contam que o concurso reuniu os melhores casos daquelas redondezas. Dona Feliciano, a propósito, foi muito aplaudida e elogiada, principalmente pelos jurados, por conta da sua sensibilidade, da sua maneira especial de contar, com sabedoria e emoção, um problema que aflige sua gente.

E contam ainda que histórias de Honórios e Marias se repetem, e os campos vão, finalmente, se abrindo...

# Criança sabe mesmo das coisas

Conhecer uma criança é tarefa bem fácil: basta ficar atento e ouvir. Elas são francas e sabem expressar o que querem.

Quando são criança-criança, falam manhoso, pedem e dão muitos beijos e adoram um colinho! Quando são criança-adulto, empinam o nariz, esticam o corpo para parecerem mais altas e até falam com firmeza. Mas a gente sabe que brincar de criança-adulto também é distração de criança-criança.

O fato é que as crianças crescem: a roupa encurta, o sapato aperta, a chupeta é descartada, o soninho da tarde fica só pra noite... e chega, finalmente, o dia de ir para a escola.

Ah! esse, sim, é um dia mais que especial! O papai e a mamãe ajudam a preparar o uniforme e o material que, de agora em diante, serão seus grandes companheiros!

Pela estrada afora caminham as crianças até à escola ou ao ponto do ônibus, à espera do veículo que as levarão para lá.

Que criança não sonha em descobrir essa nova vida, a vida da escola? Elas se sentem gente-grande. Talvez porque ainda não imaginam o tempo que terão para ser, um dia, adultos.

Criança é um “bichinho” muito esperto! Mesmo antes de conhecer o mundo da escola, já sabe, a seu jeito, “ler” muita coisa: as histórias que os retratos da família contam, o nome da bala de que mais gosta. As placas da estrada que a leva à escola ou à cidade, ah, essas, ela sabe de cor! E mais um monte de coisas, tanto as com palavras como as sem. Há ainda aquelas que, antes mesmo de ir à escola, já começaram a escrever. Muitas vezes usando códigos, que só elas sabem entender...

Quando finalmente aprendem a escrever pra todo mundo ler, ficam fascinadas! Principalmente quando aprendem a ler tudo o que está escrito

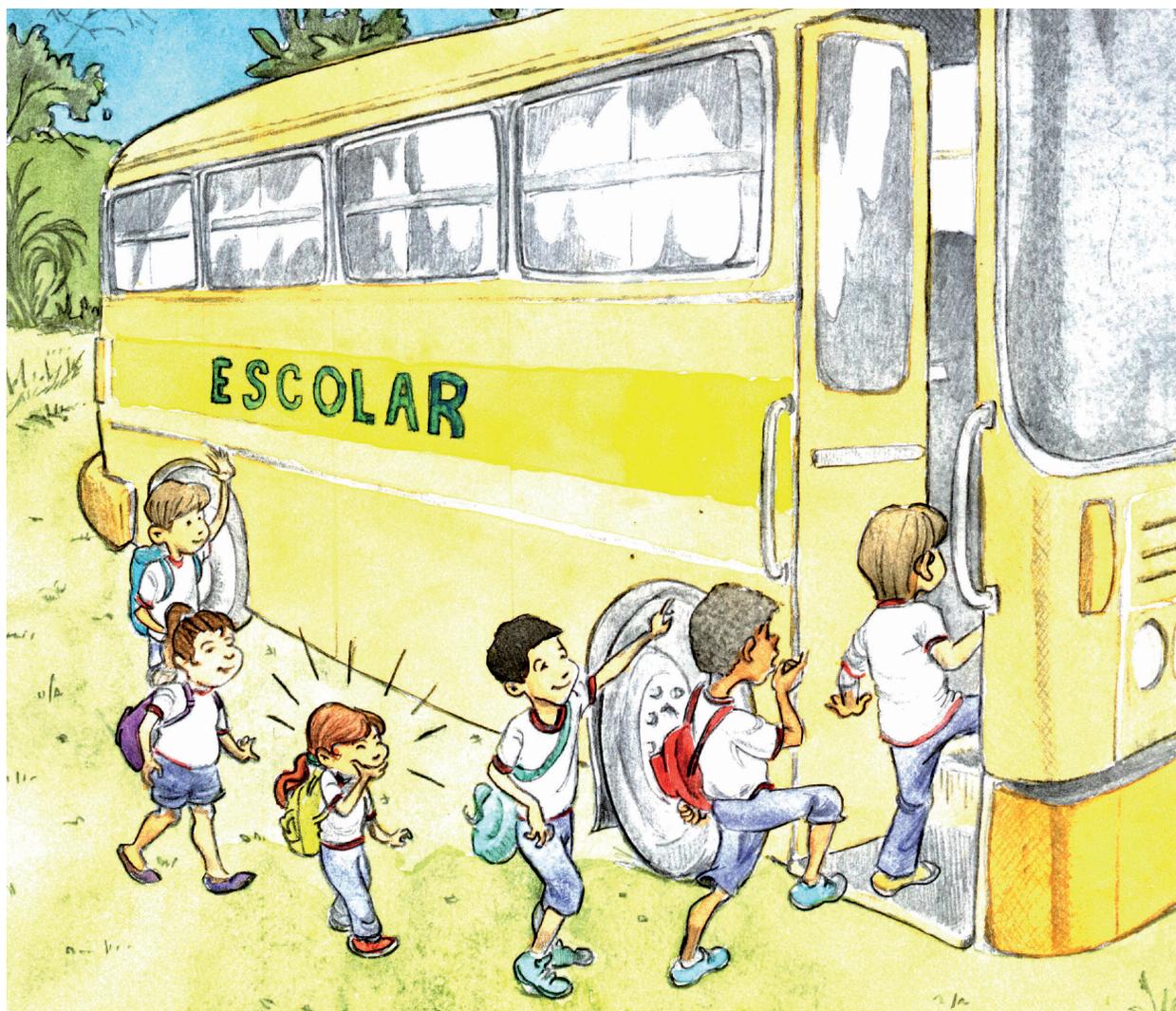
por aí! E assim as crianças vão fazendo grandes descobertas: umas, alegres; outras, nem tanto!

Aninha é uma dessas crianças que encanta a todos. Tagarela e curiosa, presta atenção em tudo e sobre tudo pergunta. É um tal de por quê daqui, por quê dali, que sua família anda de cabelo-em-pé!

Pois bem, chegara a hora de Aninha ir para a escola: pegar o ônibus do transporte escolar e partir, sozinha, para descobrir o novo mundo. O primeiro passo em busca da independência!

Ela bem que gostou de estar no mesmo ponto em que estavam seus primos e amigos mais velhos, à espera do ônibus. Mas, no fundo, estava um pouco ansiosa. As mãozinhas tremiam e suavam. Os olhos, muito abertos e brilhantes, pouco piscavam, tamanho era o medo de perder algum detalhe daquela aventura.

Como sua comunidade, Horizonte Feliz, ficava a uns 15 quilômetros da escola, e o ônibus parava aqui e ali para pegar os outros alunos, Aninha teve



um bom tempo para ir-se acalmando. E pôde até rir para si mesma ao pensar nas brincadeiras do recreio, da educação física, das aulas de arte, dos dias de festa, de que tanto falavam as crianças mais velhas.

Ela já tinha se informado sobre muita coisa: “a professora é bonita? Ela é brava ou boazinha? Como é o nome dela? Quantos coleguinhos vou ter? A merenda é gostosa? E a diretora, como é? Será que posso cantar e dançar nas festas da escola? Ah! tem menino que bate na gente na hora do recreio? Será que a professora deixa eu fazer um desenho para a mamãe?”

Ufa! quantas perguntas podiam caber naquela cabecinha!

Só mesmo aquela paisagem verde e bonita de fevereiro podia aquietar seu pequeno coração.

Naquele dia, tudo foi novidade: a voz suave da professora Rosa, com cujo nome combinava muito bem; cada coleguinha; a diretora, Marina – que não tinha uma cara tão brava como diziam; a supervisora Laura – com aquele jeito de que nada é complicado, pois ela sempre dava uma mãozinha; os funcionários – muitos da redondeza.

Também foi preciso entender as regras de comportamento! Obedecer aos horários de entrada, do recreio e de saída, levantar o dedo para falar, devolver o que pegou emprestado, não mentir, não fofocar, nada de usar apelidos, sair da sala só com a permissão da professora, não xingar os colegas... Era muita informação para um só dia!



Entendia agora que tudo ficava mesmo mais sério, mas estava preparada para isso. Afinal, para se conhecer mais coisa e mais gente, é preciso dedicação e coragem!

Para a professora, o primeiro contato com os novatos também fora emocionante. E ela já sabia: em pouco tempo, conheceria cada aluno, pelo nome e pelo jeito.

– O que vocês esperam da escola? O que vocês gostariam de descobrir? De construir? – perguntava, meigamente, dona Rosa.

E antes que todos falassem ao mesmo tempo – porque todos ali eram estudantes de primeira viagem –, ela lembrava que deviam levantar a mão. – Ordem é fundamental – dizia.

– Eu quero aprender as letrinhas, principalmente aquela que parece um rabinho de porco – diz Leonardo.

– Eu quero formar palavras! – emenda Júlia – e escrever uma cartinha para a Dindinha, que mora longe daqui.

– Eu quero ouvir historinhas e contar muitas historinhas! – conta Pedro.

– Eu quero aprender a cantar muitas musiquinhas! – cantarola Neusinha.

– Eu quero aprender todos os números, fazer dois-mais-dois, contar dinheiro... – contabiliza Fábio.

– Eu quero isso, eu quero aquilo! – falaram muitos.

– Eu quero aprender as coisas que ainda não sei. Saber por que muitas pessoas precisam mudar para a cidade. Quero descobrir como ter uma vida melhor para que meus pais não precisem trabalhar tanto! Ah! lembrei de outra coisa: ouvi o homem da loja que vende sementes, lá na cidade, falar de uma tal de agricultura familiar e desenvolvimento rural. Então quero saber o que é isso! – concluiu, seriamente, Aninha, com aquele seu novo ar de gente grande.

– Calma, Ana – acudiu a professora – nós temos tempo pra tudo isso! Eu também moro no campo e gosto da sua história. Aos poucos vamos recontá-la!

Um por um, todos foram falando sobre suas vontades, curiosidades e planos...

E a professora admirava cada um de seus novos alunos, por sua capacidade de ler – de um jeito especial – o mundo em que viviam e de pintarem o mundo que desejavam. Com rabiscos, com letras, em todos os tons!

Cada dia, para aquela turma e para a professora, trazia uma descoberta.

E para você, que história a escola pode contar?

# glossário

**Associação:** organização democrática e sem fins lucrativos de pessoas, para alcançar resultados que, individualmente, seriam bem mais difíceis ou mesmo impossíveis de conseguir.

**Capacitação:** treinamento, especialização em algum conhecimento ou atividade.

**Caraminolavam:** tinham idéias e mais idéias.

**Crédito rural:** acordo ou contrato pelo qual um estabelecimento bancário põe uma determinada quantia à disposição de um agricultor, pecuarista ou outro empreendedor no campo.

**Empreendedor:** pessoa decidida a realizar algo, mesmo que difícil e trabalhoso.

**Escala de rotatividade:** escala de revezamento.

**Escaldante:** muito quente.

**Estatuto:** conjunto de regras sobre as formas de organização e funcionamento de uma instituição.

**Estratégia:** capacidade de explorar situações favoráveis, de modo a alcançar, da melhor maneira, determinados objetivos.

**Frondosa:** de copa larga, coberta de folhas e ramos.

**Guia turístico:** pessoa que, por ser grande conhecedora da região, pode mostrar, ao visitante, as atrações turísticas do local.

**Mobilização:** convocação de pessoas ou grupo de interesses (estudantes, professores, trabalhadores, militares, etc.) para atuar na busca de objetivos comuns.

**Pluriatividade:** conjunto de atividades variadas no campo, que combinam trabalhos agrícolas com os não-agrícolas, como turismo ecológico, pesque-pague, hotel-fazenda, artesanato, indústria de doces caseiros, emprego doméstico, e outras.

**Produção artesanal:** produto final do trabalho de um artesão, isto é, no qual se utiliza apenas a técnica do trabalho manual não-industrializado.

**Propriedade familiar:** propriedade pertencente a uma família; unidade de produção agrícola em que propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família.







Na Livraria Embrapa, você encontra  
livros, fitas de vídeo, DVDs e  
CD-ROMs sobre agricultura,  
pecuária, negócio agrícola, etc.

Para fazer seu pedido, acesse  
[www.embrapa.br/liv](http://www.embrapa.br/liv)

ou entre em contato conosco

**Fone: (61) 3448-4236**

**Fax: (61) 3448-2494**

**[vendas@sct.embrapa.br](mailto:vendas@sct.embrapa.br)**

*Impressão e acabamento*  
**Embrapa Informação Tecnológica**

*O papel utilizado nesta publicação foi produzido conforme a certificação da Bureau Veritas Quality International (BVQI) de Manejo Florestal.*

Este livro integra a Série Educação e Cidadania, projeto concebido e executado pela Prefeitura Municipal de Patos de Minas, MG, em parceria com a Embrapa. Representa um compromisso interinstitucional, cujos parceiros somam forças na busca de soluções para os desafios do desenvolvimento sustentável, tendo como enfoque a cidadania da família do campo em harmonia com o meio ambiente.

**Esta é uma outra história** é uma criação coletiva da qual participam educadores, escritores, artistas gráficos e ilustradores. É um incentivo a práticas educativas baseadas em novas formas de abordagem e intervenção no contexto rural. Retrata nuances da vida no campo, mesclando a coragem e o desejo das personagens, similares aos da nossa gente.

